

ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA NA AUTOMEDICAÇÃO PEDIÁTRICA

PHARMACEUTICAL ASSISTANCE IN PEDIATRIC SELF-MEDICATION

Maíra Farias Alves

Graduada em Farmácia. Faculdade Santíssima Trindade, Nazaré da Mata,
Pernambuco, Brasil

E-mail: mairahfarias@hotmail.com

Adenilson da Silva Gomes

Mestre em Saúde Coletiva pela UFPE. Faculdade Santíssima Trindade,
Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil

E-mail: adenilsongomes_@hotmail.com

Cléber José da Silva

Mestre em Biotecnologia pela UFPE. Faculdade Santíssima Trindade, Nazaré da
Mata, Pernambuco, Brasil

E-mail: cleber.josesilva@ufpe.br

Emerson de Oliveira Silva

Mestre em Inovação Terapêutica pela UFPE. Faculdade Santíssima Trindade,
Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil

E-mail: emersondeoliveira@gmail.com

Recebimento 20/02/2023 Aceite 03/03/2023

Resumo

A automedicação é caracterizada como a utilização de medicamentos sem prescrição. A prática da automedicação em crianças ocorre devido a tentativa de aliviar sintomas de dor ou febre, geralmente ligadas a cefaleia ou resfriados onde os pais ou responsáveis dessas crianças recorrem a farmácias domiciliares. A intoxicação decorrente de automedicação no Brasil, cresceu em média 31% nos últimos 15 anos, com prevalência em crianças até 10 anos e jovens adultos entre 18 e 21 anos. Essa pesquisa tem como objetivo conhecer as principais causas da automedicação pediátrica no Brasil. Tratará de uma revisão bibliográfica, tipo revisão integrativa. As bases de dados que serão utilizadas consistirão na Lilacs, Pubmed e Scielo, utilizando os últimos 5 anos, entre o período de 2016 a 2022, com os seguintes descritores: automedicação”, “farmacêutico” e “criança”. Os resultados comprovam a elevada prevalência da prática da automedicação na população estudada, com destaque para o uso indevido de automedicação em casos de febre e dor. São explicita-

das ainda a praticidade no uso de medicamentos por conta própria e a grande facilidade do seu acesso às farmácias. Os dados possibilitam concluir que a automedicação da criança é uma realidade, sendo os pais os principais responsáveis por esta prática, principalmente, por meio do uso de antitérmicos, paracetamol, ibuprofeno, anti-histamínicos, expectorantes e antidiarreicos. Fatores que influenciaram a prática estão relacionados a falsa impressão de que os sintomas são simples e que os medicamentos utilizados não apresentam riscos à saúde das crianças.

Palavras-chave: Automedicação; Criança; Farmacêutico.

Abstract

Self-medication is characterized as the use of drugs without a prescription. The practice of self-medication in children occurs due to the attempt to relieve symptoms of pain or fever, usually linked to headache or colds, where parents or guardians of these children resort to home pharmacies. Intoxication resulting from self-medication in Brazil has grown by an average of 31% over the last 15 years, with a prevalence in children up to 10 years old and young adults between 18 and 21 years old. This research aims to know the main causes of pediatric self-medication in Brazil. It will be a bibliographic review, integrative review type. The databases that will be used will consist of Lilacs, Pubmed and Scielo, using the last 5 years, between the period 2016 to 2022, with the following descriptors: self-medication”, “pharmacist” and “child”. The results prove the high prevalence of self-medication in the studied population, with emphasis on the misuse of self-medication in cases of fever and pain. The practicality of using medications on their own and the great ease of access to pharmacies are also explained. The data make it possible to conclude that the child's self-medication is a reality, with parents being the main responsible for this practice, mainly through the use of antipyretics, paracetamol, ibuprofen, antihistamines, expectorants, and antidiarrheals. Factors that influenced the practice are related to the false impression that the symptoms are simple and that the drugs used do not present risks to the health of children.

Keywords: Self-medication; Child; Pharmacist.

1. Introdução

A automedicação é caracterizada como a utilização de medicamentos sem prescrição, com o desígnio de tratar, aliviar sintomas ou até mesmo de promoção a saúde, independente da prescrição. Acarreta em um dos problemas de maior complexidade em saúde pública, tornando-se um hábito corriqueiro em nosso país e, conseqüentemente, consiste em um assunto bastante discutido e controverso (DOMINGUES et al., 2017).

Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS) menos da metade dos medicamentos é prescrito ou vendido de forma incorreta, sendo assim cerca de 50% desses medicamentos são consumidos de forma inapropriada (ALVES et al.,

2021). Com isso, Santos, Freitas e Leão (2015) relatam que automedicação é independente de classe social, justificada pelo acesso facilitador dos fármacos em drogarias sem prescrição e pela dificuldade de atendimentos médicos no Sistema Único de Saúde (SUS).

Essa prática ocorre mediante a necessidade de em aliviar sintomas de dor ou febre, geralmente ligadas a cefaleia ou resfriados cujos genitores dessas crianças recorrem a farmácias domiciliares. Esses medicamentos são capazes de reduzir a dor momentaneamente, mas que pode representar a curto ou longo prazo consequências os à saúde dessa criança, sendo o fator para intoxicação medicamentosa em crianças (RENZ et al., 2021).

Automedicação em crianças tem sido um ato que cresceu cerca de 49% no Brasil nos últimos 10 anos. Esse cenário demonstra alguns fatores associados ao aumento fácil de acesso à farmácia de bairros, indicações de uso populares, desinformação dos medicamentos, indisponibilidade de profissionais de saúde, falta de acesso a medicamentos prescritos, déficit de entendimento da população responsável pela guarda do menor acerca dos perigos da automedicação e erros na atenção ou atitude do farmacêutico no ato da dispensação medicamentosa (ARRAIS et al., 2016; SANTOS; FREITAS; LEÃO, 2015).

No Brasil, 80 milhões de pessoas têm o hábito de se automedicação, segundo levantamento da Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas. A automedicação vem de uma forte questão cultural a qual suscita dificuldade na resolução dessa problemática. Todas as casas possuem variedades de medicamentos, sendo que cada vez mais a população pensa que sabe resolver seus problemas sem a ajuda de profissionais da saúde, acarretando níveis variados de intoxicação medicamentosa (SANTOS; FREITAS; LEÃO, 2015).

A intoxicação decorrente de automedicação no Brasil, cresceu em média 31% nos últimos 15 anos, com prevalência em crianças até 10 anos e jovens adultos entre 18 e 21 anos. Esses dados compõem o contexto da temática em estudo, a escassez de acompanhamento médico em tratamentos clínicos, além de representar um crescimento da automedicação (ALMEIDA et al., 2020).

O profissional farmacêutico tem como atuação a assistência visando preservar a vida do indivíduo e a minimizar impactos referentes a temática. Ele enfatiza

a diminuição dos índices de automedicação, obtendo o acesso seguro e adequado a medicamentos e tratamentos pela população com ênfase especial à faixa etária infantil (DANTAS et al., 2021).

Dessa forma, esta pesquisa torna-se relevante em demonstrar o potencial dos perigos da automedicação, orientando as famílias na prevenção e promoção acerca de interações medicamentosas. Apesar da informação ser acessível em meios sociais, muitos pais insistem nessa prática irresponsável, porém é preciso identificar que existem outros aspectos que podem desenvolver essas práticas de automedicação, o que certamente trará maiores complicações (DOMINGUES et al., 2017).

Para que essa prática tão frequente no Brasil diminua, esse estudo trará informações científicas válidas acerca da mesma contribuindo para melhores cuidados pediátricos e uma maior responsabilidade aos pais a não praticarem a automedicação, conscientizando sobre consequências e trazendo a importância do farmacêutico o qual enfatiza a promoção, prevenção, priorizando a assistência em saúde de forma individualizada e holística.

1.1 Objetivos Gerais

Essa pesquisa tem como objetivo conhecer as principais causas da automedicação pediátrica no Brasil.

2. Revisão da Literatura

A pesquisa se elaborou a partir das seguintes etapas: a) escolha da pergunta condutora de pesquisa; b) definição dos objetivos; c) determinação dos critérios de inclusão e exclusão para o levantamento de estudos científicos; d) levantamento bibliográfico nas bases virtuais selecionadas; e) interpretação e análise dos dados encontrados; e, f) apresentação dos resultados.

A pergunta condutora foi estabelecida da seguinte maneira: quais são as causas da automedicação pediátrica? Para responder a pergunta, destacaram-se como base de dados a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Pubmed e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Os Descritores selecionados foram “automedicação”, “farmacêutico” e “criança”, os quais

foram cruzados entre si de modo a possibilitar um refinamento da busca utilizando o operador booleano “and”.

A busca dos estudos científicos nas bases referidas acima foi realizada entre os meses de fevereiro a novembro de 2022. Os critérios de inclusão de estudos foram: publicações com texto completo disponível nas bases de dados consultadas; publicações nos idiomas português e inglês; publicações dos últimos 5 anos, entre 2016 a 2022. Foram excluídos artigos que abordem a temática em outros grupos populacionais, como também os artigos repetidos, editoriais e carta de opinião.

A partir dos critérios expostos anteriormente, foi feita uma seleção de artigos indexados nas bases de dados supracitados, podendo ser estudos nacionais ou internacionais. Através da leitura breve do título e resumo, posteriormente, fez-se uma leitura minuciosa dos artigos e, em seguida, as informações extraídas foram analisadas e discutidas de maneira crítico-reflexiva.

O estudo em questão baseou-se em 10 artigos entre os anos de 2016 a 2021, que serviram de base para os resultados da revisão bibliográfica. O quadro 1 engloba um resumo dos artigos selecionados, afim de de apresentar os dados mais significantes e classificatórios de cada estudo.

Quadro 1 - Características bibliográficas dos artigos analisados.

AUTOR	TÍTULO	OBJETIVO	MÉTODO	RESULTADOS
ALVES; MARGALHÃES; RODRIGUES JÚNIOR et al (2021)	A automedicação infantil ocasionada pelos pais no Brasil.	Identificar os fatores associados à prática da automedicação ocasionada pelos pais, os medicamentos utilizados com muita frequência, os motivos e relatar a importância do uso seguro de medicamentos.	Revisão bibliográfica	No Brasil, como na maioria dos países, os medicamentos compõem a classe principal de agentes de intoxicação como metoclopramida, bromoprida, clorfeniramina, difenidramina e salbutamol, dentre outros. Eles correspondem a 27,86% dos casos registrados por ano. Do total de casos por intoxicação de medicamentos, crianças menores de cinco anos representam 35%.
SANTOS et al (2022)	Automedicação pediátrica: consequências para a saúde em decor-	Analisar as publicações sobre automedicação pediátrica no Brasil, de modo a	Revisão integrativa	Como achado mais relevante, esta pesquisa apontou a prevalência da automedica-

	rência dessa prática.	investigar quais os fatores motivacionais, bem como descrever os seus riscos, consequências e identificar quais os medicamentos mais utilizados.		ção por responsáveis da criança e a principal motivação para esta prática foi a dificuldade para conseguir atendimento. Quanto à forma de uso, o estudo apontou que esta normalmente é feita através da utilização de receitas anteriores.
CARDOSO et al (2020)	Perfil clínico-epidemiológico de intoxicações medicamentosas em crianças.	Descrever o perfil clínico-epidemiológico dos casos notificados de intoxicações medicamentosas em crianças.	Estudo observacional e descritivo	Todas as intoxicações foram confirmadas pelo critério clínico, sendo a maioria de intensidade leve (60,9%), e 98,7% evoluíram para cura. Uma variedade de medicamentos ocasionou as intoxicações (n=193), principalmente, medicamentos que atuam no Sistema Nervoso Central.
LUCAS et al (2016)	A problemática da automedicação na infância.	Caracterizar a produção científica sobre a temática da automedicação na infância no período de 1998 a 2013.	Revisão bibliográfica	Fármacos utilizados de forma indevida na infância podem gerar algumas consequências, dentre elas o mascaramento da identificação de doenças graves e doença de base, bem como quadros de reações adversas aos medicamentos.
KLEIN et al (2020)	Automedicação em crianças de zero a cinco anos: práticas de seus cuidadores/familiares.	Conhecer quais as práticas de automedicação dos cuidadores/familiares de crianças de 0 a 5 anos.	Pesquisa qualitativa	A maior parte dos cuidadores/familiares já haviam praticado a automedicação, a medicação mais utilizada foi o paracetamol, o principal agravo a saúde que levou a automedicação foi gripe/resfriado, a mãe é a principal cuidadora que realiza a automedicação.
GONÇALVES et al (2017)	Intoxicação medicamentosa: relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos.	Realizar uma revisão bibliográfica dos casos de intoxicações medicamentosas envolvendo todas faixas etárias e as causas determinantes.	Análítico observacional transversal	As principais causas desse problema são o uso abusivo do medicamento decorrente ao desconhecimento sobre a sua posologia e administração, erros de prescrição e a automedicação.
OLIVEIRA	Automedicação	Avaliar a prática da	Análítico ob-	Os medicamentos mais

(2017).	infantil: uma prática realizada em crianças por seus responsáveis no município de Estrela do Indaiá-MG	automedicação entre as crianças por seus responsáveis.	servacional	utilizados pelos responsáveis foram a dipirona (52%), paracetamol (34%) e ibuprofeno (30%).
SILVA; QUINTILIO (2021)	Automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos: o papel do farmacêutico na prevenção.	avaliar e identificar os principais medicamentos auto prescritos comercializados em farmácia brasileiras, as possíveis causas do hábito da automedicação além do papel que os farmacêuticos podem desempenhar na prevenção e orientação desta prática	Revisão de literatura	Apurou-se que os medicamentos mais consumidos por conta própria são analgésicos e anti-inflamatórios, especialmente aqueles que vão aliviar dores de cabeça, dores na coluna e combater febre e gripes. Este estudo também destacou que a automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos são verdadeiros problemas na saúde pública.
RENZ; SILVA; SUWA (2021)	Riscos associados à automedicação de anti-inflamatórios não esteroides em pacientes pediátricos: uma revisão sistemática	Apresentar os riscos oferecidos pela automedicação de anti-inflamatórios em pacientes pediátricos	Revisão sistemática	O presente estudo demonstrou a utilização inconsistente na administração e consumo dessa categoria de medicamento pode afetar a saúde do paciente pediátrico, onde se torna necessário a assistência farmacêutica e o acompanhamento médico especializado são fundamentais para a eficácia de um determinado tratamento.
VARGAS (2021)	Os desafios da atenção farmacêutica na pediatria: automedicação por seus responsáveis.	Demonstrar a importância do profissional em assegurar uma terapia efetiva obtendo uma relação entre a terapia e atenção farmacêutica, orientando os responsáveis dos pacientes.	Revisão bibliográfica	Evidencia-se que automedicação é muito frequente, variando entre 17,7% a 80,5%, dependendo da faixa etária da criança. Dentre os motivos alegados, estão desde a comodidade de adquirir os medicamentos diretamente nos estabelecimentos comerciais até a dificuldade de conseguir acesso a atendimento médico.

Fonte: autores, 2022.

A análise dos artigos acerca dos resultados comprova a elevada prevalência da prática da automedicação na população estudada, com destaque para a utili-

zação irracional de analgésicos e antitérmicos tais como o paracetamol, ibuprofeno em casos de febre e dor. São explicitadas ainda a praticidade de administração medicamentosa e a facilidade do seu acesso às farmácias. Além disso, um artigo discutiu as implicações da metoclopramida, bromoprida, clorfeniramina, difenidramina, salbutamol e dipirona sem prescrição médica (ALVES et al, 2021; SILVA, 2021).

Conforme o Renz (2021) o uso de medicamentos sem a prescrição médica pode agravar o quadro clínico, independentemente da idade de quem está fazendo seu uso. No entanto, nas crianças, pode ser mais grave, tendo em vista que elas não conseguem expressar o que realmente estão sentindo. Ao decidir a usar indiscriminadamente alguns medicamentos pode-se haver a geração de consequências de médio e longo prazo (OLIVEIRA, 2017). Em casos de alívio dos sintomas que normalmente mascaram o diagnóstico correto da doença são, reações alérgicas, dependências (facilitando ao vício de acostumar a ingerir em doses incorretas e além de não obedecer ao horário indicado) e resistência ao medicamento (LUCAS et al, 2016)

Os medicamentos mais utilizados na automedicação infantil foram os anti-inflamatórios não esteroidais (AINES), que frequentemente são usados para aliviar as dores e febres, assim abandonando o diagnóstico que busca determinar o que realmente está desencadeando a dor e a febre (OLIVEIRA, 2017).

Outro aspecto relevante é que automedicar-se é um ato frequente nas famílias com melhores condições socioeconômicas. Acredita-se que esta evidência, registrada em 01 artigo, decorre do elevado nível de instrução dessas famílias, gerando em função do maior conhecimento, mais autonomia para abordar as necessidades dos seus filhos (KLEIN et al, 2020).

Geralmente, quando os responsáveis pelas crianças administram os medicamentos sem recomendação médica e a procura do alívio para resfriados, gripes, dores, febres, os medicamentos mais utilizados na automedicação na pediatria são eles: o paracetamol; ibuprofeno; anti-histamínicos; anti-obstipantes; expectorantes; antidiarreicos; antieméticos e os antibióticos.

Diante disso, percebe-se a necessidade em educação em saúde, visando a sensibilização, particularmente dos farmacêuticos, para a disseminação da orien-

tação medicamentosa para a população, nos diversos cenários de atuação (Unidade Básica de Saúde, maternidade ou hospital, etc). Isso porque cabe a esses profissionais, não somente orientar os usuários acerca da posologia, mas principalmente desenvolver estratégias na prática do cuidado medicamentoso de forma integral e uso racional (CRUZ et al, 2022).

Sob esse prisma, o papel do farmacêutico se configura como instrumento privilegiado para a implementação de ações de educação em saúde visando à promoção da qualidade de vida da população, em especial a infantil, tendo em vista suas especificidades. Sendo assim, o farmacêutico deve esclarecer a população quanto à problemática da automedicação, na infância, fortalecendo a partir daí a autonomia, a participação social e a adoção de escolhas conscientes (CARDOSO et al, 2020).

3. Considerações Finais

Os dados possibilitam concluir que a automedicação pediátrica é uma realidade, sendo os pais os agentes contribuintes para geração desse cenário ao utilizar especialmente o uso de antitérmicos tais como paracetamol e ibuprofeno, além dos anti-histamínicos, expectorantes, antidiarreicos. Os fatores que influenciam o desenvolvimento dessa problemática estão diretamente voltados para o desconhecimento do perigo das manifestações clínicas das doenças consideradas 'simples' e que esses medicamentos não apresentam riscos para saúde infantil.

A automedicação consiste numa prática rotineira realizada principalmente pelas mães, tendo como motivações mais prevalentes: a facilidade ao acesso dos medicamentos nas drogarias, dificuldade para conseguir atendimento nos serviços de saúde e vulnerabilidade socioeconômica. Dessa forma, o farmacêutico tem um papel preponderante na minimização dessa problemática mediante a adoção de posturas assistenciais que possam reduzir efetivamente os danos oriundos da automedicação na população infantil.

Referências

ALMEIDA, A.B.M. et al. Epidemiologia das intoxicações medicamentosas registradas no Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas de 2012-

2016. **Saude e Pesquisa**, v. 13, n. 2, p. 431-440, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.17765/2176-9206.2020v13n2p431-440>

ALVES, J.C.M.; MAGALHÃES, E.Q.; RODRIGUES JÚNIOR, O.M. A automedicação infantil ocasionada pelos pais no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, e581101523443, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.23443>

CARDOSO, H.A.; et al. Perfil clínico-epidemiológico de intoxicações medicamentosas em crianças. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 22, n. 3, 73 – 80, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47456/rbps.v22i3.27642>

DANTAS, D.E.S; ANDRADE, L.G.; RINALDI NETO, S. Atenção farmacêutica nas intoxicações medicamentosas. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 179-196, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2383>

DOMINGUES, P.H.F. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 319-330, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000200009>

GONÇALVES, C.A. et al. Intoxicação medicamentosa: relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 8, n. 1, 135-143, 2017. DOI: <https://doi.org/10.31072/rcf.v8i1.449>

KLEIN, K. et al. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: práticas de seus cuidadores/familiares. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, e520974296, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4296>

LUCAS, E.A.J.C.F. et al. A problemática da automedicação na infância. **Enferma-**

gem Brasil, v. 15, n. 2, p. 98-108, 2016.

OLIVEIRA, F.J. Automedicação infantil: uma prática realizada em crianças por seus responsáveis no município de Estrela do Indaiá - MG. 2017. 65f. Monografia (Bacharelado em Farmácia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Alto São Francisco, Luz – MG, 2017.

RENZ, L.; SILVA, A.F.; SUWA, U.F. Riscos associados à automedicação de anti-inflamatórios não esteroides em pacientes pediátricos: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 10, p. 97619-30, 2021. DOI: DOI:10.34117/bjdv7n10-196

SANTOS, E.R.C. et al. Automedicação pediátrica: consequências para a saúde em decorrência dessa prática. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 5, p. 2466-76, 2022. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i5.5719>

SANTOS, P.N.M; FREITAS, R.F.; LEÃO, A.M. et al. Automedicação infantil: motivação e conhecimento dos pais. **Revista Multitexto**, v. 3, n. 1, p. 65-72, 2015.

SILVA, J.C.; QUINTILIO, M.S.V. Automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos: o papel do farmacêutico na prevenção. **Revista de Iniciação Científica e Extensão**, v. 4, n. 2, p. 685-92, 2021.

VARGAS, T.D. Os desafios da atenção farmacêutica na pediatria: automedicação por seus responsáveis. 2021. 35f. Monografia (Bacharelado em Farmácia). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes – RO, 2021.